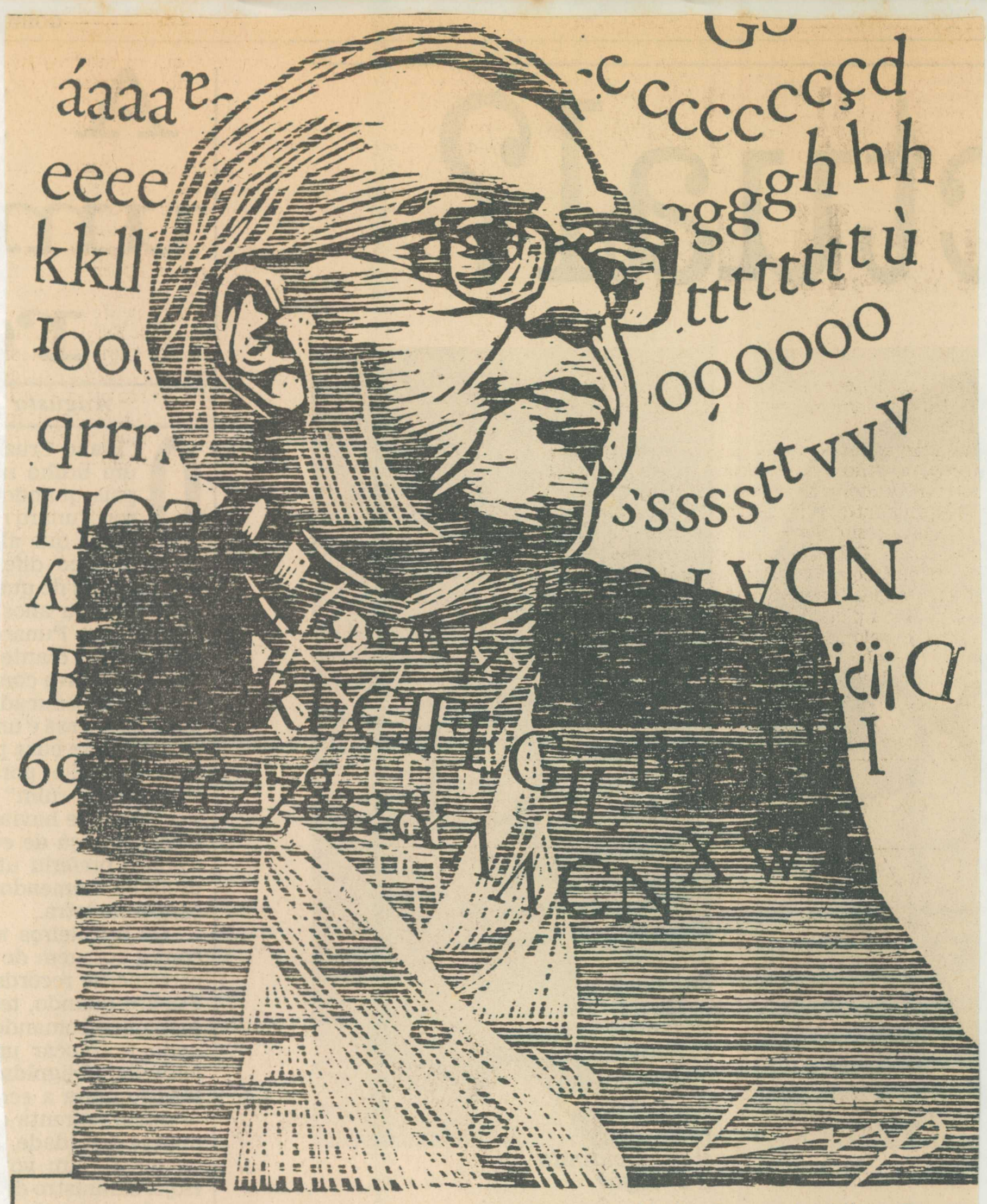
SBH
Hp 70-0420



Nossa marcha para o Oeste

Vivian Wyler

O Extremo Oeste, Sérgio Buarque de Holanda. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo/Editora Brasiliense, 176 páginas, Cz$ 55,44.

COMO foi a conquista brasileira do Oeste? Foi um caminho pré-traçado por luso políticos ultramarinos ou trilhado na peleja diária por paulistanos empurrados, sobretudo, pela pobreza e pela missão inglória de caçar indígenas? Autor de **Monções, Caminhos e fronteiras** e **Visão do paraíso**, o historiador Sérgio Buarque de Holanda voltou a tratar um tema que lhe era caro e íntimo numa obra que deixou inacabada — interrompeu-a para melhor coordenar as **História Geral da Civilização Brasileira: O Extremo Oeste**. Encaminhados para publicação por Maria Amélia, sua mulher por 45 anos e mãe de seus sete filhos — entre eles Miúcha e Chico Buarque — os originais transformados agora em livro pela Secretaria de Cultura de São Paulo e pela Brasiliense, revelam o conhecido. O estudioso que, como lembra o discípulo José Sebastião Witter no prefácio, procurava sempre "a palavra correta, não a floreada — a frondosa — mas a exata e incisiva". Mais. Ele foi o historiador que com **Raízes do Brasil** trouxe para o estudo do passado a luz do presente, da análise, segundo Antonio Cândido puxada "para o lado da psicologia social, com um senso agudo das estruturas".

Jovem, Sérgio Buarque de Holanda usava monóculo, lia vorazmente francês, alemão e italiano e desembarcou no Rio em 1922, como representante da revista **Klaxon**, paulista e futurista, tomando uma providência imediata: mandou rezar uma missa pelo 22º aniversário da morte de Oscar Wilde. O velho Sérgio Buarque de Holanda, morto há quatro anos, aos 82, conservava o mesmo original sentido do humor, refletido em passagens de **O Extremo Oeste** em que conta, por exemplo, o embate entre as potentes mas pouco práticas armas de fogo utilizadas pelos portugueses e paulistanos e as flechas e bordunas dos indígenas. Ocupava, então, um lugar inequívoco na historiografia nacional. Antidogmático, desprovido de preconceitos, era conhecido como pesquisador meticuloso e objetivo, dono de uma biblioteca de 12 mil volumes e de uma tenacidade que o fazia vencer até o sono e a ardência nos olhos, conseqüências da excessiva leitura. Em sua prosa, fluente e elegante, clarificava. Na vida, era homem de combater sistemas como o Estado Novo e requerer sua aposentadoria em represália à punição, pelo AI-5 de professores, seus colegas na Universidade de São Paulo.

Ligado ao Modernismo como fundador, junto com Prudente de Morais Neto, da revista **Estética**, Sérgio Buarque de Holanda colecionou presidência de comissões e cátedras. No entanto, não era um pedante. Quem pegar **O Extremo Oeste** vai perceber, em cada linha, o preciosismo do erudito contando uma história que parece ter vivenciado, tal o rigor e o colorido das informações. Não se exime de criticar duramente. Onde encontra informações díspares, denuncia-as, onde percebe a tendência a se fazer julgamentos apressados, retifica-os. Cita abundantemente, mas com o prazer de quem foi à cata de documentos preciosos e, agora, partilha a descoberta. A História não é um tecido único, um painel de cor uniforme, mas tem nuanças, e ele, com rigor, faz questão de arrolá-las. O quadro que emerge do estudo, infelizmente inconcluso, é fascinante. Ao contrário da expansão castelhana, o avanço da gente de São Paulo não teve um ímpeto inicial e depois uma atrofia. O nosso sertanista, como o **coureur de bois** canadense, soube aproveitar os recursos indígenas de locomoção e vencer, assim, o espaço ingrato. Movia-o a necessidade de melhorar seus recursos materiais, ajudava-o na expansão a complacente retração dos castelhanos.

Mitos como o da sagacidade portuguesa ao fazer seus tratados são postos por terra, sem ênfase, mas de uma penada. Aí, nessa crença pouco provada, estaria a razão do estereótipo difundido de que o brasileiro era melhor político do que militar, que chega até à guerra do Paraguai. Questão, de resto, contradita, na jornada sertão adentro. Comparando opções de texto — Sergio Buarque de Hollanda costumava corrigir uma mesma frase inúmeras vezes, em busca da perfeição —, José Sebastião Witter apresenta uma solução final que talvez não fosse o ideal de seu autor (ele mesmo frisa sua hesitação). Mas que tem um mérito indiscutível: recoloca em questão um historiador-escritor de pensamento límpido e genuína inquietação intelectual. Duas virtudes sempre bem-vindas.

Trecho

"(...) Partindo da idéia de que toda criação tem por definição um criador, e de haver sido Portugal, aqui, o beneficiário principal das negociações, não é necessário muito esforço para achar-se o obreiro de tamanha obra. Segundo todas as aparências, antes mesmo de formulada a doutrina, o **uti possidetis** foi por assim dizer "provocado", durante um século e mais, pela ação do minucioso Conselho Ultramarino, que de longe, mas com a mão certeira, guiara os passos dos sertanistas sobre os caminhos que atendiam ao interesse do Reino. Não é possível, em resumo rápido, expor e analisar os meandros de uma tal teoria (...) Baste-nos notar de passagem como, assim identificado o autor do portento, a demonstração de sua presciência miúda toma quase o aspecto das antigas provas da existência de Deus, onde as sutilezas dialéticas vinham envoltas constantemente numa santa auréola. Desse jeito a multiplicidade dos pequeninos incidentes históricos, não raro discrepantes entre si, passa a adquirir ampla moldura, como convém, e clareados de uma luz que parece vinda de cima, recebem a inteireza, a coerência interna, a inteligibilidade que antes lhes faltavam. E as certezas que acaba por infundir têm o cunho das verdades canônicas, fazendo-se, além disso, altamente contagiosas."